

“A POESIA ENSINA A CAIR”, SEGUNDO AFONSO CRUZ

“POETRY TEACHES HOW TO FALL”, ACCORDING TO AFONSO CRUZ

Carlos Roberto dos Santos Menezes¹



Afonso Cruz é um dos nomes mais singulares da literatura portuguesa contemporânea, cuja obra se inscreve em uma confluência entre a ficção literária, a reflexão filosófica e a experimentação estética. O autor desenvolve uma produção multifacetada que atravessa diversos gêneros — do romance à poesia, do ensaio à literatura infantojuvenil — revelando um estilo que transita entre o lúdico e o metafísico, o fragmentário e o profundamente intertextual. Sua escrita distingue-se pela articulação entre a leveza narrativa e uma densidade simbólica que convoca referências que vão da filosofia oriental à história da arte ocidental, construindo uma poética da errância e do assombro. Além de escritor, Afonso Cruz é também ilustrador, cineasta e músico, atividades que confluem em sua obra literária como marcas de uma sensibilidade expandida, profundamente visual e sonora. Tal vocação interdisciplinar não apenas enriquece sua escrita como também tensiona os limites formais do literário, colocando-o entre os autores mais inovadores da cena lusófona contemporânea. Cruz constrói, livro a livro, um universo ficcional próprio, povoado por personagens excêntricos, interrogações filosóficas e narrativas que frequentemente assumem a forma de constelações fragmentadas, como é o caso da obra **Dieta da poesia** (2025).

Publicado pela editora Dublinense, a pequena narrativa em questão pertence à Coleção Gira, que parte de uma premissa instigante: a língua portuguesa não deve ser concebida como um território fixo ou uma pátria unívoca, mas como um campo vasto e multiforme de criação. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que recusa os enquadramentos nacionalistas

e se volta à escuta das múltiplas inflexões do português em diferentes geografias culturais. O que está em jogo na curadoria da coleção não é apenas a reunião de textos em língua portuguesa produzidos fora do Brasil, mas a valorização das distintas expressividades que o idioma assume, revelando modos próprios de pensar, imaginar e narrar o mundo a partir de contextos históricos, sociais e simbólicos diversos.

Essa proposta editorial não apenas amplia o horizonte da literatura em português como também evidencia a relevância dos vínculos inter-lusófonos na produção contemporânea. Nesse sentido, a inserção de Afonso Cruz no catálogo da coleção adquire um valor representativo. Cruz, cuja obra se inscreve entre as mais inventivas da atualidade, é frequentemente associado àquilo que Miguel Real classifica como “novíssima ficção portuguesa” — um conjunto de autores surgidos a partir dos anos 2000 que se caracteriza por uma renovação formal, por uma abordagem cosmopolita da narrativa e por uma forte intertextualidade com saberes filosóficos, históricos e estéticos.

Ao integrar essa linhagem, Cruz não apenas reafirma a vitalidade da literatura portuguesa contemporânea, mas também projeta sua escrita em um circuito mais amplo da lusofonia, tornando evidente como o idioma pode ser, simultaneamente, herança e reinvenção. Assim, a publicação de seus livros pela Coleção Gira não é um gesto casual: é o reconhecimento da singularidade de uma voz literária que ressoa com profundidade e originalidade dentro do multiverso da língua portuguesa.

O livro **Dieta da poesia** é uma narrativa profundamente simbólica, em que o autor assume uma linguagem fabular que combina lirismo, melancolia e uma leveza filosófica. O protagonista, António de Lousada — também conhecido como Bazulaque — experimenta uma transformação radical em sua vida a partir do contato inusitado com a poesia, não como forma literária isolada, mas como experiência sensorial, afetiva e cognitiva. O título da obra, à primeira vista modesto, abre-se a uma série de camadas interpretativas: se se trata de uma “dieta”, esta não é restritiva, mas expansiva, feita de palavras que alimentam e transfiguram. Afinal a dieta deve obedecer a duas principais questões: “1) Reconhecer o momento de tentação ou gula; 2) Ter sempre consigo um livro de poesia”. Isto porque, a “dieta da poesia” “consiste em refinar a percepção que emanamos” (Cruz, 2025, p. 85). Portanto, não se trata apenas da poesia enquanto gênero textual, mas da própria linguagem poética como força vital — uma espécie de alimento simbólico que nutre o espírito e reconfigura o mundo.

As alterações provocadas pela poesia não só tinham um efeito na saúde física, como ele era viva prova, como também no interior, que, por sua vez, se exterioriza numa aura de sedução, que António de Lousada, o Bazulaque, denominou pertinentemente de aura poética. Algo que invertia a gravidade e que ele vira acontecer num retrato, num abraço dos pais, na palavra obrigado, num andar sem peso, no rosto de Maria dos Santos... (Cruz, 2025, p. 79).

A partir do trecho citado, é possível compreender o termo “aura da poesia” como a expressão sensível de uma transformação interior provocada pela experiência poética. Trata-se de algo que nasce de dentro, de uma mudança íntima e profunda, e que se torna visível ao redor do sujeito, como um brilho sutil, uma espécie de magnetismo encantador que altera sua relação com o mundo. Essa aura não se restringe ao contato direto com o poema escrito, mas se manifesta em pequenos gestos e cenas cotidianas — um retrato, um abraço, um agradecimento, um caminhar leve, o rosto de alguém amado. Nessas situações aparentemente simples, a poesia revela sua presença como um encantamento que ressignifica a realidade.

Quando se diz que essa aura “inverte a gravidade”, afirma-se metaforicamente que ela altera as leis comuns da experiência, produzindo uma sensação de leveza, de elevação, como se o sujeito tocado por esse estado poético passasse a viver em outra dimensão da sensibilidade. Assim, o que António de Lousada, o Bazulaque, nomeia como “aura poética” corresponde a uma espécie de brilho existencial: um estado de encantamento que transborda da alma e imprime beleza ao mundo. Mais do que um efeito literário, a poesia se revela aqui como uma força vital, um modo de estar no mundo que transforma o cotidiano em algo extraordinário. Trata-se, enfim, de uma estética da existência, em que a linguagem, o corpo e os afetos ganham nova luz por meio da sensibilidade poética. É neste sentido que “as pessoas ficam imediatamente mais bonitas ao dizer um poema e que há uma aura de irresistibilidade em quem o faz, um traço silencioso e invisível que se manifesta no observador em forma de sedução” (Cruz, 2025, p. 79-80).

O universo narrativo, por sua vez, é povoado por personagens e fatos inusitados: um sujeito com compulsão alimentar que passa a alimentar-se de poesia, um retratista com qualidades de detetive, cartas reais e ficcionais que circulam entre os moradores de uma pequena comunidade e um poema de amor esquecido dentro de um casaco a provocar uma busca inatingível por uma mulher chamada Maria. Esses elementos, inseridos em um enredo aparentemente simples, compõem uma tapeçaria de significados em torno da potência da leitura e da criação literária inerentes a “aura da poesia”. O gesto de ler, nesse contexto, ultrapassa sua função instrumental — ele passa a ser apresentado como prática transformadora, como possibilidade de reorganizar o real, de abrir horizontes e de lidar com o indizível. A leitura, assim como a escrita, torna-se espaço de invenção de si e do outro, tal qual o retrato pintado por Eduardo, que elucida a Bazulaque (e conseqüentemente ao leitor) o poder da criação artística em tornar os “detalhes mais verdadeiros do que os do rosto verdadeiro”:

— É que — disse o artista — quando se desenha, alguns traços são irrelevantes e outros são fundamentais nas suas proporções e relações. Uns desaparecem ou aparecem com o tempo, enquanto outros se mantêm inalterados por debaixo de todas as mudanças. São esses que quando os captamos transformam o retratado em linguagem emocional, que transcende o que se vê, porque se subtiliza em afecto... (Cruz, 2025, p. 45).

O protagonista, ainda que imerso em uma comunidade modesta, não restringe sua relação com a palavra ao consumo privado da literatura. Ao contrário: ele transforma-se em mediador, lendo e escrevendo cartas para aqueles que não sabem ler num gesto “benemérito de natureza epistolar” (Cruz, 2025, p. 19). Isto acabou por colocar Bazulaque diante da latente fealdade das pessoas, que pode ser compreendido como sinônimo de maldade, recorrente no conteúdo das cartas, tais como a amargura, cinismo, vingança e insultos. Mesmo havendo celebração e tristeza, amizade e saudade, o que mais impressionou a personagem foi a profusão das pequenas e grandes maldades. Diante disso, Bazulaque decide intervir e passa a “corrigir” o conteúdo das cartas por meio de modificações tanto na escrita quanto na leitura, valendo-se de um gesto de compaixão e de imaginação solidária, em que a criação de mundos possíveis é posta a serviço do alívio da dor e da construção de vínculos. Esse ato revela uma dimensão ética da escrita que perpassa toda a obra de Afonso Cruz: a convicção de que a linguagem da poesia pode ser abrigo, consolo e ponte entre mundos.

Ao longo da narrativa, são evocadas figuras poéticas e filosóficas como Emily Dickinson, Wallace Stevens, Manoel de Barros, Simone Weil e Li Shang-Yin. Embora não estejam presentes como personagens, suas palavras atravessam a narrativa como espécie de intertexto — são vozes que iluminam a interioridade de Bazulaque e oferecem ao leitor a sensação de estar diante de uma constelação de saberes e sensibilidades. Tal recurso é um dos mecanismos inerentes à construção literária do autor português que se vale do espaço ficcional para traçar diálogos ininterruptos com diversos escritores, construindo uma espécie de tapeçaria literária ou uma incrível biblioteca imaginária junto de seus leitores².

A **Dieta da poesia**, por sua vez, parece ser um daqueles textos em que a palavra poética adquire uma vertente pedagógica. Esta metáfora inicia-se no texto de Cruz a partir da estranha queda sofrida pela personagem Bazulaque que passa por uma metamorfose existencial deixando de ser um sujeito compulsivo por comida para tornar-se um leitor crônico de poesia:

Em casa, quando os doces não estavam ao seu alcance, subia a uma cadeira e, se a altura da cadeira não chegasse, corria até à biblioteca, não por necessidade de leitura, mas por necessidade de livros: e punha-os na cadeira para chegar ao frasco das bolachas de manteiga. Foi o início de um contacto frequente com a biblioteca da casa. Os livros permitiam-no chegar mais alto, mais além, uma prateleira acima. Um dia, com uma pilha mais alta do que era costume para chegar a um frasco colocado ainda mais alto do que era costume, um volume da *Comédia humana*, de Balzac, cedeu, e o Bazulaque caiu com estrondo no chão. Tentou levantar-se mas tinha-se magoado nas costas. Sozinho em casa, teve de esperar que chegasse alguém da família ou um dos empregados para o ajudarem. Enquanto aguardava, entediado e imóvel, pegou

num livro de poesia de Emily Dickinson. Gostou dos primeiros versos e continuou a ler. Quando a mãe chegou deparou-se com os cacos do frasco, as bolachas de manteiga e os livros espalhados, a cadeira tombada e o filho a ler no chão (Cruz, 2025, p. 11-12).

A partir desta estranha e inusitada queda, a vida de Bazulaque passa por uma inversão em que “a comida tinha deixado de ser a sua prioridade cotidiana, tinha passado a segundo plano. Lia como atividade principal e comia como atividade secundária” (Cruz, 2025, p. 13-14). Isto porque, “a poesia o despertava e o transformava” (Cruz, 2025, p. 14). A queda, por assim dizer, tanto fora física quanto metafórica, ao passo de fazer ressoar os versos emblemáticos de Luíza Neto Jorge: “O poema ensina a cair/ sobre os vários solos/ desde perder o chão repentino sob os pés/ como se perde os sentidos numa/ queda de amor, ao encontro/ do cabo onde terra abate e/ a fecunda ausência excede” (Jorge, 2023, p. 164).

A vida de Bazulaque adquiriu um novo sentido a partir do momento em que os livros deixaram de ser meros objetos para auxiliar no alcance dos biscoitos e passaram a atuar como repositórios das folhas que se prolongam para lá das estantes, das paredes e da biblioteca. O livro de Emily Dickinson possibilitou a queda no solo da poesia, levando a personagem a entrar em contato com o amor e obsessão pela leitura, provocando em si uma metamorfose existencial na qual o seu olhar passa a se deslocar para a beleza e o silêncio do mundo a que chamamos amor. E neste processo, ao final de sua biografia, a personagem irá “ensinar” para o leitor uma importante lição através de uma carta inventada destinada à falecida filha do Sr. Gouveia:

Sabias que existem duas gravidades, uma que nos faz cair, aquela que todos conhecemos porque exerce a sua tirania desde que somos crianças — cair não custa nada, magoa, mas está ao alcance de toda a gente — e depois existe ainda uma outra, uma outra que nos faz cair também, mas em sentido oposto? A irmã Dolores disse-me que Simone Weil chamava a isso de graça. Não sei se é graça, mas percebo perfeitamente o que acontece em certas alturas. A mesma Simone Weil disse que o único remédio para nós seria arranjar-mos uma espécie de clorofila que nos permitisse alimentar-nos de luz. Fiquei muito tempo a pensar nisto. Essa clorofila existe, querido paizinho. Já reparei como a irmã Dolores brilha no escuro. Há palavras que nos tocam tanto que nos fazem cair para cima, numa gravidade invertida. É de facto uma queda, não é um voo, pois é tão natural como cair. Voar exige algum esforço, mas cair é uma graça (Cruz, 2025, p. 72-73).

O verso título do poema de Luíza Neto Jorge elucida que o poema é o lugar de aprendizagem do poema. Neste sentido, a narrativa Cruziana parece ecoar os versos da poeta para dizer ao seu leitor que o Bazulaque aprende a poesia com a poesia e a permite transbordar para fora dos versos a encher a própria vida da personagem com “lições de poesia”. A persona-

gem, ao despencar da pilha de livros, cai em abismo e passa a passear pela senda da poesia, ecoando novamente a voz de Luiza Neto Jorge ao dizer: “quando voltar ao abismo, à sua casa de paz e verdade, eu, sacerdotisa, ler-vos-ei os ensinamentos do livro vedado. Com eles renovareis o mundo” (Jorge, 2023, p. 336). A narrativa Cruziana vale-se da palavra poética, pois é através da própria poesia — seja em verso ou em prosa — que o leitor aprende e apreende as diversas formas para falar de amor. Neste sentido, o espaço textual torna-se o lugar por excelência da partilha, da solidariedade, da comunhão dos afetos e saberes pela palavra poética.

Afonso Cruz, então, parece querer dizer ao seu leitor que a narrativa poética ensina a cair, cair em estado de graça, uma vez que a “aura da poesia” permite uma comunhão entre o gesto da escrita e da leitura, afinal, são as palavras que “nos fazem cair para cima, numa gravidade invertida” — traduzindo de maneira poética a proposta estética de **Dieta da poesia**: uma escrita que desafia os pesos da existência e propõe um movimento de elevação por meio da arte e da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Afonso. **Dieta da poesia**. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2025.

JORGE, Luiza Neto. **Poesia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2023.

REAL, Miguel. **O romance português contemporâneo: 1950-2010**. Portugal: Caminho, 2012.

Recebido para avaliação em 03/07/2025.

Aprovado para publicação em 11/11/2025.

NOTAS

1 Doutor em Letras Vernáculas, área de concentração em Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante dos grupos de pesquisas: Escrever o século XXI: a novíssima ficção portuguesa e os desafios da contemporaneidade, coord. pelo Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim, e A (im)possibilidade de dar corpo ao passado na arte e na narrativa dos séculos XX e XXI, coord. pela Profa. Dra. Ângela Beatriz de Carvalho Faria.

2 Esta forma de escrita pode ser compreendida como um processo de «transmigração narrativa» que opera como um mecanismo de expansão do universo ficcional, permitindo ao autor transitar entre novas e antigas paisagens, visitar e incorporar diferentes formas de discurso, contrair ou expandir histórias e reavivar personagens. A transmigração também implica um jogo intertextual em que Cruz se apropria de narrativas preexistentes, referencia pensamentos filosóficos e científicos, evoca figuras históricas e dialoga com múltiplas tradições culturais. Assim, sua literatura se constrói como um espaço dinâmico, no qual a migração de ideias, estilos e vozes não apenas dissolve fronteiras entre ficção e realidade, mas também evidencia o caráter transdisciplinar de sua escrita. Para melhor esclarecimento recomenda-se a leitura da Tese de Doutorado de Carlos Roberto dos Santos Menezes intitulada: **Transmigrações narrativas: um passeio pela biblioteca Mnemosyne de Afonso Cruz**, publicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e defendida em 2025.